



KENNETH BURKE: AS IMAGENS DE UMA IDEIA E AS IDEIAS DE UMA IMAGEM

Deusimar Gonzaga
EMAC/UFG

Resumo

Uma interpretação das propostas de Kenneth Burke sobre as relações entre ideias e imagens. A teoria de Burke é sustentada por ambiguidades e incongruências dos conceitos de ideia e imagem. Imagens são construídas por princípios organizacionais. Uma ideia pode ser o princípio organizacional que estrutura imagens. Imagens são construções simbólicas que têm um papel retórico relevante nas relações humanas. Persuasão e identificação são centrais para a investigação e interpretação de imagens como ação simbólica. As limitações de nossa percepção e a busca por perfeição nos motiva a agir ao invés de apenas sermos afetados pelas imagens.

Palavras-chave: imagens; ideias; ação simbólica.

Abstract

An interpretation of Kenneth Burke's proposals about the relations between ideas and images. Burke's theory is sustained by the ambiguities and incongruences of the concepts of idea and image. Images are built from organizational principles. An idea might be the organizational principle that structure images. Images are symbolic constructs which have a relevant rhetorical role in the human relations. Persuasion and identification are central for the investigation and interpretation of images as symbolic action. The limitations of our perception and the search for perfection motivate us to act instead of only being affected by images.

Keywords: images; ideas; symbolic action.

1 Introdução

Este trabalho apresenta uma interpretação das elaborações de Kenneth Burke (1897-1993), sobre as correspondências entre **imagens e ideias**. Burke, foi um crítico literário e filósofo de linguagem norte americano, foi tradutor, editor, crítico musical e um teórico literário completamente interdisciplinar, mas, um especialista em sistemas simbólicos e ação simbólica. Kenneth Burke teve um poderoso impacto na filosofia, na estética, e na crítica e teoria retórica do século XX. Ele foi também um provocador das teorias de linguagem estabelecidas e teoricamente foi um crítico sofisticado.

Kenneth Burke buscou nas teorias filosóficas do grego Aristóteles (384 a.C-322 a.C); nas teorias psicológicas do neurologista austríaco, criador da psicanálise Sigmund Freud (1856-1939); e nas teorias sociais do filósofo norte-americano George Herbert Mead (1863-1931), as ambiguidades e incongruências que ele pudesse problematizar para propor sua visão de linguagem e das relações humanas.

Para Burke, linguagem não só faz a intermediação das relações humanas, mas também se constitui nestas relações. Esta concepção de linguagem rendeu a ele tanto admiração quanto desprezo. É deste ponto de vista que vamos abordar a relação entre imagem e ideia, isto é, como linguagem que se constitui nas relações humanas.



2 O conceito filosófico de ideia e de imagem

Para este trabalho vamos considerar o termo ideia e o termo imagem, segundo a definição que o filósofo italiano Nicola Abbagnano (1901-1990) desenvolve em seu dicionário¹. A definição de ideia é elaborada por Abbagnano a partir dos pontos de vista do filósofo prussiano Immanuel Kant (1724-1804); do físico e filósofo francês René Descartes (1596-1650); e do pedagogo e filósofo norte-americano John Dewey (1859-1952). Abbagnano sintetiza a definição de imagem com o ponto de vista dos estoicos².

Para Kant, ideia é uma perfeição não real,

que supera a possibilidade da experiência. As ideias são conceitos racionais dos quais não pode existir na experiência nenhum objeto adequado. Não são intuições (como espaço e tempo) nem sentimentos (que pertencem à sensibilidade), mas conceitos de perfeições, dos quais é sempre possível aproximar-se, mas que nunca se alcança completamente. Intolerável ouvir chamar de ideia algo como a representação da cor vermelha. (KANT *apud* ABBAGNANO, 2012, p. 610)

Já para Descartes, toda ideia tem, em primeiro lugar, uma realidade como ato do pensamento, e essa realidade é puramente subjetiva ou mental. Mas, também tem uma realidade que Descartes denominou escolasticamente³ de *objetiva*, porquanto representa um objeto: neste sentido as ideias são “quadros” ou “imagens” das coisas. (DESCARTES *apud* ABBAGNANO, 2012, p. 611)

O conceito ou definição de ideia passa, portanto pelas noções de pensamento, de memória, de imaginação, de representação e de consciência, até que Dewey a conceitua com a noção de possibilidade, ele diz que “uma ideia é, acima de tudo, uma antecipação de alguma coisa que pode acontecer: ela marca uma possibilidade”. (DEWEY *apud* ABBAGNANO, 2012, p. 611)

Os estoicos empregavam duas palavras distintas: eles denominavam imaginação, a imagem que o pensamento forma por sua conta, como acontece nos sonhos; e imagem, a marca que a coisa deixa na alma, marca que é uma mudança da própria alma. A imagem propriamente dita é, segundo Diógenes da Babilônia (230 a.C.-150/120 a.C), o principal líder da escola estoica de Atenas, “aquilo que é impresso

¹ Dicionário de Filosofia Nicola Abbagnano.

² Pensadores da Escola Filosófica helenista fundada em Atenas no início do séc. III a.C. Os estoicos preocupavam-se com a relação entre o determinismo cósmico e a liberdade humana, e com a crença de que é virtuoso manter uma vontade (*phohairesis*) que esteja de acordo com a natureza.

³ Refere-se a Escolástica – método de pensamento crítico dominante no ensino das universidades medievais europeias de cerca de 1100 a 1500.



e formado pelo objeto, sendo distinto dele; conforma-se à sua existência deste, e por isso existiria se o objeto não existisse”. (DIÓGENES *apud* ABBAGNANO, 2012, p. 620)

3 As relações entre ideia e imagem

Sobre a relação entre ideia e imagem Kenneth Burke menciona o que ele diz parecer ser um tipo de “prelinguagem comportamental” (“behavioristic pre-language”). Burke afirma que certos sons e posturas de animais são expressões que, de alguma forma, são interpretadas por outros animais. Pelo menos, até o ponto em que essas expressões são seguidas por mudanças relevantes no comportamento dos animais que são expostos a elas (BURKE, 1966, p. 428). Entre cachorros algumas posturas são comuns e percebemos facilmente o efeito que elas têm. Mostrar os dentes e arquear o dorso com os pelos arrepiados geralmente afasta outros cachorros menores, mais jovens, mais fracos.

Burke sinaliza que a observação dessas expressões pode nos ajudar a entender que há uma distinção qualitativa entre o sensorial e o racional:

- a) sensorial – fundamentado nas imagens da “prelinguagem comportamental”;
- b) racional – fundamentado nas ideias de linguagem propriamente dita. (BURKE, 1966, p. 429)

Atualmente esta discursão segue novos rumos com as recentes investigações feitas no campo da neurolinguística⁴, como é o caso dos estudos de Antônio Damásio, médico neurologista português e professor de neurociência da *University of Southern California*. O professor Damásio estuda o cérebro e as emoções humanas, ele trabalha a partir do estabelecimento de que os córtices insulares⁵ estão envolvidos no processamento tanto dos sentimentos corporais (tais como as dores) quanto dos sentimentos de emoções. Mas, apesar de instigante e desafiadora esta abordagem é bastante complexa e demanda um amplo estudo para que seja mais bem compreendida e utilizada como parte de uma análise da relação entre imagem e ideia.

Retomando a constituição sensorial e racional da relação entre ideia e imagem, as posturas corporais são uma tentativa de comunicação que nós seres humanos também utilizamos. Quando posamos para fotografias assumimos poses na tentativa de expressar certas ideias que queremos que outras pessoas tenham de nós.

⁴ Ciência que estuda a elaboração cerebral da linguagem.

⁵ Porções do córtex cerebral – acredita-se que estejam envolvidos com a consciência e ligados à emoção.



Algumas poses estão associadas à ideia de beleza, saúde, felicidade, espontaneidade, despreocupação, prazer e etc. O que não significa que as associações feitas pela pessoa que posa são as mesmas que serão feitas pelas pessoas que olharem as fotos.

4 Imagens sentidas; Ideias imaginadas

Kenneth Burke nos adverte que sua teoria tem o objetivo de nos sensibilizar para as ideias que estão espreitando nas coisas. Ideias que podem mesmo como motivos sociais, parecerem reduzíveis a sua natureza puramente material (BURKE, 1966, p. 429). O que pode expressar beleza, saúde, felicidade, espontaneidade, etc. para pessoas de classe média ou pessoas ricas não necessariamente expressam os mesmos valores para pessoas pobres.

Burke estabelece a premissa de que poderíamos nos aproximar das ideias que espreitam as coisas, se pudéssemos aperfeiçoar técnicas para revelar a dimensão enigmática ou emblemática das imagens sensoriais. Embora ideia e imagem tenham se amalgamado no desenvolvimento da linguagem, Burke explica que podemos separá-las usando como instrumento a “ideia do nada” (the idea of nothing) de Henri Bérghson (189-1941), filósofo e diplomata francês. (BURKE, 1966, p. 430)

Kenneth Burke explica que o negativo é uma ideia para a qual não pode haver uma imagem, portanto não há negativo na imagética. Recorrendo a Bérghson, Burke afirma que podemos distinguir entre “a ideia do nada” (the idea of nothing) e “a ideia do não” (the idea of no). Para se formar uma ideia do “nada” se requer uma imagem de alguma coisa; mas, não é necessária uma imagem para se formar uma ideia do “não”.

Deste modo, poderíamos nos aproximar das ideias que espreitam as coisas concebendo que não há negativo no domínio das imagens, o negativo está no domínio das ideias. Se a sensação é domínio do movimento, a ideia é domínio da ação. A ação só é possível se a pessoa transcender o domínio da imagem sensorial. Burke esclarece que isto só é possível se a pessoa formar ideias adequadas das limitações que definem este domínio sensorial e atuar ao invés de meramente se afetada por suas próprias sensações. O aviso: “Não se arrisque” é em essência uma ideia, mas seu papel enquanto imagem pode impedir o agente de se arriscar. (BURKE, 1966, p. 430-431)

Ao expandir sua reflexão sobre imagem e ideia Kenneth Burke assinala que uma ênfase sobre imagem envolveria uma contra ênfase sobre ideia. Mas nos adverte também que autores como o filósofo irlandês Edmund Burke (1729-1797) e o escritor



Inglês William Hazlitt (1778-1830) trataram a relação entre ideia e imagem como sendo uma o reforço da outra; e como sendo ponte entre uma e outra, respectivamente. Já Immanuel Kant defendia que ideias pertencem à razão e, portanto, são regidas por princípios do diálogo entre contraposições e contradições. (BURKE, 1969a, p.84)

Kenneth Burke nos aponta que imagem, no sentido Kantiano seria bem próximo do tipo Aristotélico. Imagem seria percebida através dos nossos sentidos e lembrada ou antecipada na imaginação. Por outro lado a imagem poética pode representar coisas que nunca existiram ou que nunca existirão. Sobre este sentido da imagem, Burke faz a seguinte consideração sobre o uso que Hazlitt faz da imagem poética: a imagem poética de uma revelação é também uma ideia de revelação, desde que ela tenha significância puramente dialética (de diálogo), que permita manipulações verbais que transcendam o empírico (a experiência) ou o positivo (a observação).

5 Ideias que as imagens revelam e ocultam

Mesmo que um poeta tenha tido em mente um tipo particular de ideia de revelação, não é possível apontar em um poema, qual o tipo de revelação que está sendo usado. Tampouco é possível prever quais imagens uma ideia de revelação pode produzir. Portanto, qualquer interpretação do termo revelação no poema RETRATO, de minha autoria, será sempre uma das inúmeras interpretações possíveis:

*Mesmo que o retrato
Não corresponda
À pose
Vale a revelação*

Burke nos esclarece que a palavra usada pelo poeta representa também outras relações da definição ou conceito da palavra, que são diferentes do conceito usado no poema. (BURKE, 1969a, p. 84-85)

Burke argumenta que a manifestação poética é construída de identificações. Isto é, uma livre atribuição de sentidos pelo imaginário, pela significação e pela ressignificação da realidade, de modo que como audiência nós sentimos que estamos participando e colaborando criativamente com a afirmação do poeta. Para a poética ser efetiva no propósito de afetar sua audiência ela precisa se render à parte da opinião da audiência e se utilizar deste lugar comum como ponto de partida para propor novas opiniões. (1969a, p. 55-58)

Burke se refere à identificação como o mais simples caso de persuasão: “você persuade um homem somente desde que você possa falar sua linguagem por



discurso, gesto, tonalidade, ordem, imagem, atitude, ideia, identificando seus meios com os dele”, no original “You persuade a man only insofar as you can talk his language by speech, gesture, tonality, order, image, idea, *identifying your ways with his*”. (BURKE, 1969a, p. 55, tradução nossa) As associações subjetivas e ou emocionais da imagem poética e seus significados imaginários, estão amalgamados com a imagem tal como ela funciona no poema; e podem ser discernidas por uma análise crítica, se houver clareza suficiente para identificar seus equivalentes no plano das ideias.

Burke alegava estar convicto de que, a relação entre ideia e imagem deveria certamente ser considerada de acordo com o padrão de distinção, com o qual os velhos retóricos se preocupavam. A distinção entre questões “gerais ou infinitas” (“general or infinite”) e questões “específicas ou definidas” (“specific or definite”), ou dos gregos “tese” (“theses”) e “hipótese” (“hypotheses”). As questões gerais ou infinitas são geralmente propostas sem que um tempo, um lugar, ou uma pessoa sejam nomeados, apenas palavras de maneira generalizante são ditas. (BURKE, 1969a, p. 85)

6 Ideias e imagens como princípios organizacionais

Uma pessoa pode dizer que retratos lhe trazem boas lembranças, sem mencionar quais retratos, que tipos de boas lembranças e outros dados sobre sua própria história, à qual provavelmente ela está se referindo, ao associar retratos e boas lembranças. Já as questões definidas ou específicas estabelecem um assunto com o nome de um lugar, um tempo, uma pessoa e outras condições que estejam associadas ao assunto. Uma pessoa pode dizer que os retratos dos seus irmãos e primos tirados nas suas festas de aniversário, lhe trazem boas lembranças.

Que tipo de retratos me trazem boas lembranças? Nos retratos tirados nos meus aniversários de quando eu era criança, eu, os meus irmãos e os meus primos aparecemos fazendo poses que provavelmente nos foram sugeridas por adultos. Nós estávamos sempre em poses tão clichês que de tão constrangedoras se tornam ingênuas e engraçadas e me fazem gostar delas. Então neste caso específico, as situações constrangedoras e ingênuas se tornam engraçadas para mim, que sou uma pessoa que gosta de coisas engraçadas. Este pode ser um princípio organizador que me guia na seleção e tratamento de imagens que me trazem boas lembranças.

Uma pessoa pode falar de boas lembranças sem ter consciência das condições que fazem com que certas lembranças sejam boas para ela. Kenneth Burke esclarece que, mesmo que essas condições não apareçam explicitamente em sua linguagem ou não estejam no plano de sua consciência, são essas condições que para



esta pessoa, constituem o princípio organizacional que se refere ao tópico geral de boas lembranças. Por trás das imagens poéticas produtivas (questões específicas) em contraste com imagens de sensações puras reprodutivas (questões gerais), há princípios organizacionais. (BURKE, 1969a, p. 86)

Para se identificar tais princípios organizacionais, em termos que expressem sua equivalência no vocabulário das ideias, é preciso investigar o que, onde, como/ os meios, o propósito e quem. O campo da razão – o campo das ideias e dos princípios – é compartilhado pela imaginação poética. A respeito desta questão Kenneth Burke faz uma referência às equações do poeta Coleridge nas quais ele designa à imaginação, na esfera poética, o lugar correspondente designado à razão, na esfera da ética e da filosofia. Kenneth Burke resume assim suas considerações:

Desde que as imagens de um poeta estejam organicamente relacionadas, há um princípio formal por trás delas. Pode ser dito que as imagens dão corpo a esses princípios. O próprio princípio poderia ser nomeado em termos de ideias (ou uma ideia básica com modificadores) por um crítico com discernimento apropriado. Portanto, poderia se dizer que a imagem transmite uma ideia invisível e intangível em termos de coisas visíveis e tangíveis. (BURKE, 1969a, p. 86, tradução nossa)

Insofar as a poet's images are organically related, there is a formal principal behind them. The images could be said to body fourth this principle. The principle itself could, by a properly discerning critic, be named in terms of ideas (or one basic idea with modifiers). Thus, the imagery could be said to convey an invisible, intangible idea in terms of visible, tangible things. (BURKE, 1969a, p. 86)

Ao mencionar a expressão “ideias da imaginação” (“ideas of imagination”) do escritor inglês Hazlitt, Kenneth Burke sugere que deveria haver um termo para ambos – ideias e imagens. Burke se pergunta como ser possível que estes dois domínios pudessem jamais estar em desacordo ou em conflito um com o outro quando pensamos no termo aristotélico “tópicos”, que transita tão facilmente e imperceptivelmente entre ideias e imagens. (BURKE, 1969a, p. 86)

Mesmo assim, há uma diferença entre um termo abstrato que dá nome a uma ideia e uma imagem concreta designada para representar esta ideia (BURKE, 1969a, p. 86). Suponhamos a seguinte imagem: um homem de meia idade em uma cela de uma penitenciária. Ele está sentado de olhos fechados em uma pequena cama de cimento. Acima da cela o contorno de seu corpo envolvido por feixes de luz, flutua no espaço infinito. Uma cela, feixes de luz e um corpo flutuando no espaço podem representar muito mais do que meramente um princípio de liberdade ou de aprisionamento.



Sobre a relação entre ideia e imagem Burke resume:

[...] se a imagem empregar todos os recursos da imaginação, ela não irá representar meramente uma ideia, mas irá conter toda uma sorte de princípios, mesmo aqueles que seriam mutuamente contraditórios se reduzidos puramente aos seus equivalentes ideais. (BURKE, 1969a, p. 86-87, tradução nossa)

[...] if the image employs the full resources of imagination, it will not represent merely one idea, but will contain a whole bundle of principles, even ones that would be mutually contradictory if reduced to their purely ideational equivalents. (BURKE, 1969a, p. 86-87)

Deste modo, a relação entre ideia e imagem não se desfaz com a simples separação entre elas. Por outro lado, imagens não são apenas ideias traduzidas em outro código linguístico e vice versa. Tanto as ideias quanto as imagens que se relacionam produzem significados que são inerentes à relação entre elas. Isto é, quando fazemos uma ideia a partir de uma imagem, não sabemos ao certo quais princípios são imaginativos e quais são ideias.

7 Conclusão

Muitas argumentações de Burke sobre a natureza da linguagem estão fundamentadas na poética e na retórica de Aristóteles. Sustentada na retórica aristotélica a perspectiva dramatística de linguagem indica que um meio eficiente possível de se construir uma argumentação convincente ou persuasiva é por meio da exposição de ideias que sejam facilmente associáveis entre si, pela maioria dos ouvintes. É importante também que as ideias sejam familiares e que a associação dessas ideias possa levar a maioria das pessoas a uma mesma conclusão.

Burke aponta que construímos e usamos os sistemas simbólicos para estruturar nossa realidade e nos orientamos em nossas ações (BURKE, 1966, p.48). Os artistas e suas artes (sistemas simbólicos) talvez tenham a seu dispor grandes possibilidades de nos “guiar” em nossas ideias através das imagens que nos apresentam. Para Burke:

O artista obtém seus efeitos manipulando nossas pressuposições ideológicas de numerosas maneiras. A mais simples é a “idealização”, como quando um símbolo exemplifica tão integralmente o lastimoso que nos pode levar totalmente à piedade. Em geral, os efeitos do artista são obtidos pela contraposição de algumas pressuposições a outras. [...] O humor resulta de uma discrepância entre pressuposições ideológicas, e o grande conflito de padrões na sociedade contemporânea dá ao artista uma vasta gama de tais discrepâncias a escolher. (BURKE, 1969b, p. 161)



A utilização de temas que são constituídos pela situação do espectador, é uma estratégia dentre muitas, que os artistas empregam para envolvê-lo com sua arte. Abordar temas como corrupção, racismo, homofobia, violência, meio ambiente, etc., em tempos de dificuldades econômicas, de fortalecimento das individualidades, de mudanças climáticas, etc. tem sido recursos recorrentes nas artes.

O que não é muitas vezes levado em conta, é que abordar os opostos do que é percebido como a realidade pode ser mais impactante e eficaz em comunicar uma ideia. A ironia na linguagem pode ser mais contundente do que o sentido literal dos termos usados, a comédia pode ser a estratégia mais eficaz em persuadir quando o assunto é trágico. As imagens e as ideias que possam ser relacionadas com estes temas se tornam os princípios de desenvolvimento das obras de arte.

Referências Bibliográficas

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

BURKE, Kenneth. **A Rhetoric of Motives**. Berkeley: University of California Press, 1969a.

BURKE, Kenneth. **Language as Symbolic Action**. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1966.

_____. **Teoria da Forma Literária**. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1969b.

Minicurrículo

Deusimar possui mestrado em Performances Culturais pela Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás, EMAC- UFG. Especialização em “Formação de Professores” pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, PUC-GO. Graduado em Letras (Português/Inglês) pela PUC-GO (2000). Extensão em ensino à distância, pela UFG. De 1987 à 1989 foi professor de Inglês no ensino básico e ensino médio, no Colégio Rudá: centro cenicista de Educação. Professor de Inglês na Cultura Inglesa de Goiânia (1994 a 2007). Professor convidado em 2002, no curso de Letras Português/Inglês na PUC-GO. Em 2008 - 2009 foi professor substituto de Inglês(ensinos básico e médio) no Centro de Pesquisa Aplicada à Educação -Cepae- UFG. Professor formador e orientador acadêmico (2009-2011) no curso de Licenciatura em Teatro à distância - Emac-UFG. Ator, diretor e pesquisador de teatro. Membro do Máskara - núcleo transdisciplinar de pesquisas em Teatro, Dança e Performance. Atua principalmente nos seguintes temas: linguagem, dramatismo e ação simbólica